

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 15 • 2007



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

2007

**A ARQUEOLOGIA PORTUGUESA E O ESPAÇO EUROPEU
BALANÇOS E PERSPECTIVAS**

ACTAS DO COLÓQUIO

Sociedade de Geografia de Lisboa

(Lisboa, 30 de Outubro de 2007)



Coordenador:
João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

2007

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS
Volume 15 • 2007 ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
DESENHO - Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E
REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218 444 340
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

A PARTICIPAÇÃO DA FILOLOGIA CLÁSSICA, PORTUGUESA E ESTRANGEIRA, NOS ESTUDOS DE ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

Justino Mendes de Almeida*

É em especial dos estudos epigráficos, como parte importante dos estudos arqueológicos, que nos ocuparemos hoje, partindo do princípio inatacável de que Epigrafia é Arqueologia e que não há nenhum epigrafista que possa dispensar uma formação clássica.

Por Filologia Clássica entendemos nós não apenas o conhecimento dos idiomas grego e latino, com os respectivos dialectos, mas também essa imensa massa cultural que facilita uma melhor compreensão de toda a civilização ocidental. Se assim não fosse, como se entenderia o grande apoio dado em Portugal aos estudos arqueológicos por figuras gradas da epigrafia e que, com o mesmo à-vontade se movimentam na área da Arqueologia propriamente dita?

Penso que não estou a dar novidade nenhuma e que me ocupo de preferência da área da Arqueologia Clássica, sem deixar de reconhecer que, na Arqueologia pré-histórica, houve que recorrer à linguística greco-latina para encontrar as designações exactas para monumentos e instrumental requerido.

Volto um pouco atrás para defender uma ciência – a Filologia Clássica, que deve prevalecer sobre a de Linguística Clássica, sendo a primeira designação mais abrangente – que tende a ficar esquecida, pelos simples facto de integrar na sua esfera de acção as línguas, grega e latina que, só por si, são dois fantasmas aterradores e que atemorizam os interessados. Diria desde já que não é assim, tudo dependendo da maneira como são ensinadas. Por fortes razões se está hoje em dia a estimular a aprendizagem destas línguas, em particular do latim, como exigência não de estruturas escolares novas, mas a solicitação de quem reconhece que é muito difícil progredir em certas áreas de estudo, sem o conhecimento básico daqueles idiomas. Reconhecemos até que a terminologia científica e tecnológica ou instrumental foi buscar as suas origens ao vocabulário grego e latino – a este de preferência. Ousamos até dizê-lo que não raro se manifesta sentimento de tristeza pela falta de conhecimento destas línguas ou, ao menos, das raízes que formaram a terminologia das ciências e tecnologias. Como é possível, sem o domínio, ao menos de latim, falar com segurança de arte primitiva, de dólmenes, de tampas insculturadas da época do bronze, sobre as épocas do ferro e lusitano-romanas?

Ao iniciarmos o estudo da Filologia Clássica e das suas influências no domínio da Arqueologia, um nome ressalta à vista: José Leite de Vasconcelos, sábio polimórfico, assombro de cultura, que, por sua vez, na qualidade de discípulo de Augusto Epifânio da Silva Dias, “Mestre sempre sábio, e sempre pronto para ensinar”, adquiriu uma preparação clássica inultrapassável em Portugal.

Recordemos de *Baladas do Ocidente* (1885) três versos, que eram ressaibos clássicos:

* Reitor da Universidade Autónoma de Lisboa

Terra de meus avós, ó minha terra,
Talvez ainda os ecos dos teus montes
Saibam dizer o nome de Viriato.

O curso de Medicina, que obteve com toda a facilidade na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, permite-lhe exercer essa actividade que o liga, indirectamente, ao gosto pela Arqueologia: médico no Cadaval, em 1887 localiza ali um castro pré-romano, mais tarde estudado em profusão. E quando em Paris frequentou a cátedra de Filologia, é no Colégio de França que segue lições de Arqueologia, nas quais obteve o diploma de aluno titular. O gosto por esta ciência não mais o abandonou, mas, repito, foram as lições de Epifânio Dias que nele incutiram o saber no domínio da Filologia Clássica e lhe permitiram ensinar simultaneamente as cadeiras de Arqueologia, Epigrafia e Numismática. Os mais competentes estudiosos da biobibliografia de Leite de Vasconcelos não esquecem que, antes de terminar o curso de Medicina, já o futuro Mestre escrevia:

Quero acabar o resto dos meus dias
Numa beatitude austera e santa,
Num ermo, sob lágia duma anta,
Entre cristais de estalactites frias.

Como seria possível, sem o apoio da Filologia Clássica, fundar e manter duradouro o *Arqueólogo Português* e redigir as *Religiões da Lusitânia*? E fundar e manter a *Revista Lusitana*? Idealizar, fundar, animar, desenvolver? Mestre soberano, “primeiro entre os pares”, se aparecia num congresso no estrangeiro, era eleito presidente da Secção de Arqueologia, como aconteceu no Cairo em 1909 ou em Roma em 1912. A mais vasta erudição que ainda houve na investigação científica em Portugal, assim era reconhecido; de quanto ficou deverdor à metódica e exaustiva bibliografia alemã, ele próprio o justifica no opúsculo *In Germania*, ao lembrar que, em Arqueologia, tomou por mestre a Hübner:

Hübner escava as cinzas do passado:
A velha Lusitânia surge altiva.

Como epigrafista, o arqueólogo Leite de Vasconcelos estudou inscrições do Norte ao Sul do País. São disso testemunho os *Analecta Epigraphica Lusitano-Romana* e as *Novas Inscrições Ibéricas do Sul de Portugal* que completam o labor vastíssimo do arqueólogo, tão vasto que foi premiado pelo Instituto de França. Aqui não é apenas o arqueólogo clássico que sobressai, mas também os estudos sobre o paleolítico, estudos sobre a época dos metais, a *Arqueologia do Alto Minho* e, *finis coronat opus – Antiquidades Romanas de Lisboa*. Mas são as *Religiões da Lusitânia* que melhor testemunham o esforço épico do Arqueólogo, que ultrapassa as fronteiras portuguesas nos seus campos de investigação, sem descurar a crítica imperdoável sempre que se lhe oferecia ocasião.

Mas, enquanto imprimia à sua obra sentido nacional (“Portugal, núcleo fundamental de toda a minha obra”), colocava ao serviço do seu país a sua cultura verdadeiramente europeia.

A Sociedade de Línguas Românicas de Montpellier, os estímulos do grande Schuchardt, de Hübner, de Vickert, de Krüger, para citar algumas figuras de proa dos estudos arqueológicos leva-nos a afirmar que em Arqueologia a obra realizada não era apenas ciência portuguesa, mas também ciência internacional divulgada na Europa culta. É de 1885 o primeiro opúsculo arqueológico *Portugal Prehistorico*, súpula de conhecimentos de uma ciência que já lhe é familiar, a que não é alheio o nome de Martins Sarmiento. Arqueologia é para o Doutor José Leite uma ciência que completa, com a Etnografia e a Filologia, a tríade científica a que se devotou.

Num colóquio tão rico de informação pela voz autorizada de investigadores especialistas, não nos impressiona apenas o conhecimento do que se tem feito, mas sobretudo a capacidade que denunciam para fazer.

Os estudos de Arqueologia, que na Sociedade de Geografia de Lisboa têm atingido, desde sempre, um patamar elevado, asseguram-nos que prosseguirão a um nível em nada inferior ao dos Mestres, portugueses e estrangeiros, que aqui se têm pronunciado, tanto mais que decorreram em parcerias com instituições congéneres, portuguesas e estrangeiras (universidades e centros de investigação).

E, ao procurarmos dar relevo a uma área de estudos de projecção europeia, de igual valência, dificilmente se encontraria outra equiparável à Arqueologia.

Assim, em aulas de Português no nosso país é frequente ver o professor enveredar pela História geral, passar à Arqueologia e à Epigrafia: quem, sem o lastro da Filologia Clássica (língua, história, literatura), se aventura em tal campo, não contendo em si esses mundos do saber?

Honra aos dirigentes e colaboradores da Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa onde sobressai, pelo trabalho e pelo estímulo, o nome de João Luís Cardoso. Aqui se contribui, diria com regularidade, para dar forma científica à teoria da filiação portuguesa através da Arqueologia.